

MARIA GABRIELA CASTRO | MAGDA COSTA CARVALHO
(COORDENAÇÃO)

HORIZONTES DO CONHECIMENTO

ESTUDOS EM HOMENAGEM A
JOSÉ LUÍS BRANDÃO DA LUZ

Letras
Lavadas[®]
edições

MARIA GABRIELA CASTRO | MAGDA COSTA CARVALHO
(COORDENAÇÃO)

HORIZONTES DO CONHECIMENTO

ESTUDOS EM HOMENAGEM A
JOSÉ LUÍS BRANDÃO DA LUZ

Filosofia^U_e

PONTA DELGADA

2015

FICHA TÉCNICA

- Titulo **HORIZONTES DO CONHECIMENTO**
Estudos em Homenagem a José Luís Brandão da Luz
- Coordenação Maria Gabriela Castro
Magda Costa Carvalho
- Organização Centro de Estudo Filosóficos – CEF
Universidade dos Açores
- Autores Vários
- Capa © Letras Lavadas edições
Sandra Fagundo
- Edição © Letras Lavadas edições
- Depósito Legal 395772/15
- ISBN 978-989-735-083-2
- Data de Saída 1ª edição, outubro de 2015
- Tiragem 250 exemplares
- Execução Gráfica Nova Gráfica, Lda.
Rua da Encarnação, 21 – Pastinhos, Fajã de Baixo
9500-513 Ponta Delgada
S. Miguel – Açores
- Apoios



Governo dos Açores
Secretaria Regional do Mar, Ciência e Tecnologia



O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos seus autores.

É proibida a reprodução, total ou parcial, do conteúdo sem prévia autorização do editor.

Delfim Santos: cartas inéditas a Henri Bergson

Magda Costa Carvalho

Universidade dos Açores

Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa

*Ao Professor Brandão da Luz,
pelo testemunho de Autenticidade,
com profunda e reconhecida Amizade*

Está hoje sobejamente estudada e discutida a influência que o pensamento e a figura de Henri Bergson desempenharam junto da obra e do magistério de Leonardo Coimbra. É também consensual a importante ação de Leonardo Coimbra¹ na difusão do ideário bergsoniano em Portugal nas primeiras décadas do século XX².

No entanto, muito menos explorada se encontra a aproximação de Delfim Santos a Henri Bergson³. Entre ambos teve lugar um encontro físico e intelectual cujo rasto se estendeu para além de afinidades especulativas (recorde-se que Delfim Santos foi, também ele, aluno de Leonardo Coimbra). Em nosso entender, a visita de Delfim Santos à residência de Henri Bergson, em outubro de 1935, simbolizou a sintonia entre uma determinada inspiração da cultura filosófica portuguesa do início do século XX e o ideário do pensador francês. Delfim Santos foi o responsável por fazer chegar junto de Bergson ecos do modo como a sua obra era lida e

¹ Uma vez que a economia da presente reflexão impede que nos alonguemos neste tópico, sobre o qual vasta bibliografia de excelência tem sido produzida, referenciamos, quer pelo rigor da análise, quer pela sistematização das fontes, Pimentel, 2003.

² Ribeiro, 1956; Gomes, 1986.

³ As monografias sobre a obra de Delfim Santos centram-se naturalmente na sua produção filosófica original, que acontece no âmbito da filosofia alemã e não da filosofia francesa: Sirgado Ganho, 1990; Sirgado Ganho, 2002; Paszkiewicz, 2000; Marques, 2007. O 1º volume do periódico *Delfim Santos Studies – Revista de Estudos Delfinianos*, publicado em 2013 pelo Arquivo Delfim Santos, trouxe também a lume um conjunto de importantes estudos sobre o filósofo português, consolidando um renovado interesse na obra do filósofo português, mas deixando ainda por explorar a relação com França.

acolhida em Portugal, tendo-lhe ainda enviado um exemplar do estudo *A filosofia de Henri Bergson*, que Leonardo Coimbra publicara meses antes⁴.

Tivemos já a oportunidade de tematizar a proximidade entre Delfim Santos e Henri Bergson, dando conta de determinadas afinidades entre a produção filosófica inicial do primeiro e o pensamento bergsoniano, bem como dos meandros do encontro físico que juntou, em Paris, os dois homens em 1935⁵.

Na presente reflexão, que integra o volume de estudos dedicado ao Professor Doutor José Luís Brandão da Luz, ocupar-nos-emos da apresentação e publicação integral, em anexo, de duas cartas inéditas que Delfim Santos endereçou a Henri Bergson por ocasião da visita, que tivemos a grata honra de descobrir no espólio do filósofo francês, depositado na Bibliothèq̃ue Littéraire Jacques Doucet, em Paris⁶. Sendo o Professor Doutor José Luís Brandão da Luz um profundo conhecedor do pensamento filosófico em língua portuguesa, mormente da obra de Delfim Santos⁷, consideramos que seria esta a melhor homenagem que lhe poderíamos prestar.

O encontro de uma geração

O modo como Delfim Santos se dirige epistolarmente a Henri Bergson, tratando-o por *Maître*, é elucidativo do seu reconhecimento enquanto matriz especulativa, forma de tratamento que reservava para pensadores de eleição, como sejam Teixeira de Pascoaes ou Hermann Hesse.

A primeira carta de Delfim Santos de que aqui nos ocupamos⁸, datada de 6 de outubro de 1935, afirma de forma explícita como as obras de Bergson

⁴ Recorde-se que Leonardo Coimbra haveria de falecer precocemente poucos meses depois do encontro de Delfim Santos com Bergson, a 2 de janeiro de 1936.

⁵ Costa Carvalho, 2007.

⁶ Referência BGN-22093/II-BGN-VI. Agradecemos aos herdeiros de Delfim Santos, Dr.^a Manuela Pinto dos Santos, viúva do pensador muito recentemente falecida, e Prof. Doutor Filipe Delfim Santos, seu filho, pela autorização para que fossem trazidas de Paris cópia das cartas de Delfim Santos e para que fossem agora tornadas públicas. Reconhecemos ainda toda a inestimável generosidade e interesse com que a Dr.^a Manuela Pinto dos Santos e o Prof. Doutor Filipe Delfim Santos acolheram os nossos trabalhos de investigação.

⁷ Brandão da Luz, 2013.

⁸ Transcrevemos em anexo as duas cartas inéditas de Delfim Santos a Henri Bergson, com o respetivo fac-símile.

eram cuidadosamente lidas e recebidas por alguns professores portugueses que trabalhavam discipularmente. É nesse contexto que Delfim Santos informa Bergson de que o seu antigo lente de filosofia, Leonardo Coimbra, tinha publicado recentemente um estudo dedicado à obra bergsoniana, *A filosofia de Henri Bergson*: “Toute son œuvre est remplie de vous – declara ao filósofo francês – et tous ses élèves apprennent bientôt à vous admirer”.

Parece-nos que a carta não deixa margem para dúvidas no tocante à dinâmica da receção portuguesa à filosofia bergsoniana. Delfim Santos coloca o pensador francês ao corrente das fortes polémicas especulativas que também no nosso país se travavam⁹, à imagem das discussões levantadas em França pelos críticos mais ferozes do bergsonismo, Julien Benda e Léon Brunschvicg, reiterando que ao grupo de Leonardo Coimbra competia a defesa das posições de Bergson. Em 1935, Delfim Santos faz-se, então, porta-voz de um conjunto de pensadores cuja longa convivência especulativa de base com o ideário bergsoniano motivava o ensino de encontrar fisicamente o filósofo e de trocar com ele alguns instantes de conversa.

Esta primeira carta fora escrita após uma tentativa gorada de ver Bergson em Paris e, por isso, Delfim Santos despede-se alimentando a esperança de vir ainda a concretizar o intento de fazer chegar junto do pensador francês uma declaração de viva voz em nome de todos os seus condiscípulos, que se afirmavam como profundamente reconhecidos “à l’homme qui nous a donné la méthode la plus profonde et plus sûre pour la connaissance de la vie et de nous mêmes”. Trata-se, sem dúvida, de uma passagem consonante com o espírito geral de *A filosofia de Henri Bergson* e que reafirma claramente a responsabilidade leonardina na implementação de uma tendência de fundo bergsoniano na cultura filosófica portuguesa contemporânea.

Nas páginas do *Diário Íntimo* que Delfim Santos escreve na sua viagem, referentes aos dias de estadia em Paris¹⁰, são concretizados alguns

⁹ Costa Carvalho, 2015.

¹⁰ Transcrevemos excertos do *Diário* em Anexo à nossa dissertação de doutoramento, *A noção de «natureza criadora» no evolucionismo metafísico de Henri Bergson: estrutura e alcance de um projeto bio-filosófico*, Universidade dos Açores, Ponta Delgada, 2009 (documento policopiado), com a amável autorização dos herdeiros de Delfim Santos.

aspectos a respeito da relação de Leonardo Coimbra com Bergson. No dizer de Delfim Santos, o autor de *A filosofia de Henri Bergson* não só citava permanentemente o filósofo francês nas suas aulas, como o elegera enquanto *inspirador confessado* das suas reflexões pessoais. Num registo distinto da carta dirigida a Bergson, no diário Delfim Santos apresenta uma escrita com maior sobriedade, ainda que a intenção geral seja a mesma. Apesar de reconhecer a profunda sintonia com o pensamento do filósofo francês, no seguimento da herança recebida de Leonardo Coimbra, Delfim Santos atesta que, ainda que os discípulos de Leonardo não *passassem a vida a repetir Bergson*, já que havia lugar para a crítica e o desacordo entre o grupo, eram certas a *simpatia e a admiração pelo seu método e profunda seriedade*.

Foi neste espírito que alguns pensadores portugueses da primeira metade do século XX dialogaram com o pensamento bergsoniano: enquanto ocasião magistral de apreender um modo de fazer filosofia que se mostrava sugestivo sobretudo pela atitude dinâmica que personificava, permeável à abertura de novas vias de interpretação do real. Defender que o filósofo francês esgotou todas as tendências que a filosofia portuguesa veio a desenvolver nessas décadas será por certo excessivo e desadequado. Mas é inegável que algumas das linhas mestras do pensamento de Bergson fizeram parte da reflexão portuguesa da época e que, incentivados pelo magistério leonardino, autores como Álvaro Ribeiro, José Marinho e Delfim Santos se mostraram sensíveis a temas que, incontornavelmente, devem a sua origem ao *corpus* bergsoniano. Aspectos como a defesa de um dinamismo ontológico estrutural ou a apetência perante novos modelos de racionalidade, como sejam as vias de matriz intuitiva, assumiram-se como temáticas sedutoras para estes autores¹¹.

¹¹ De José Marinho, citamos: “Decerto que a filosofia de Bergson tem muitas dificuldades. Mas, por muitos sinais que não mentem, seu pensamento tomou lugar já entre algumas das melhores formas do pensamento de sempre. [...] Uma filosofia (isto já foi dito mil vezes!) vale pelo volume e significação das afinidades ou contrastes que desperta. O valor do filósofo não é livresco, não é tumular. Filósofo é o que faz pensar, filosofia o que faz pensar.”, Marinho, 1994: 375; e de Álvaro Ribeiro: “[...] o estudioso da obra bergsonina, liberto de preconceitos que travam a arte de filosofar, quanto mais iluminado for sendo pela obra de tão lúcido autor, tanto mais estimulado será a transcendê-la, na busca de um pensamento próprio, profundo e original.”, Ribeiro, 1965: 34.

A possibilidade excepcional de ouvir Henri Bergson falar da sua obra fez, assim, de Delfim Santos um caso único no panorama contemporâneo português, concedendo-lhe um outro olhar sobre o seu pensamento. Metaforicamente, podemos afirmar que não foi apenas Delfim Santos que se encontrou com Henri Bergson na tarde de 8 de outubro de 1935, mas todo o grupo dos seus discípulos.

Por isso, não será possível compreendermos o verdadeiro impacto e a importância deste encontro fora dos relatos feitos pelo próprio Delfim Santos nas duas cartas que endereçou a Bergson de que aqui nos ocupamos. Estes documentos constituem não só peças fundamentais na reconstrução da proximidade entre os dois autores, como também testemunhos exímios para o estudo da recepção do pensamento bergsoniano em Portugal.

Por seu turno, no encontro, Bergson tece considerações sobre o estado atual e futuro da filosofia, sobre nomes do pensamento e da cultura da época, sobre o método com que realizava e produzia os seus próprios trabalhos. Aliás, a grande difusão informal de um rascunho da carta de Delfim Santos, que o próprio terá enviado para Portugal¹², será um claro indício de que os conteúdos da conversa com Bergson foram avidamente assimilados pelos pensadores nacionais que lhe eram próximos, tendo Delfim Santos sido visto pelos seus colegas como uma espécie de embaixador do grupo junto do Mestre francês.

Cronologia da visita

Para tornarmos mais clara a nossa exposição, e levando em linha de conta, por um lado, a brevidade e a intensidade com que decorreu o contacto de Delfim Santos com Henri Bergson e, por outro, o facto de que

¹² O próprio Delfim Santos se surpreendeu com o efeito produzido por esta primeira carta escrita a Bergson, cuja cópia circulou entre os seus amigos. De tal forma que, de Portugal, surge o pedido para a publicação da sua *epístola reveladora*, como ele a apelida, mas que o próprio declina, alegando o tom demasiado “afetivo” de que a carta se revestia, Santos, 1998: 100. Também disto é dada nota na segunda carta inédita de Delfim Santos a Bergson, que em anexo publicamos.

nos encontramos perante documentos inéditos, apresentamos uma breve cronologia dos eventos:

– a 06 de outubro de 1935, Delfim Santos visita a casa de Henri Bergson pela primeira vez, tendo sido recebido por Madame Bergson; de regresso ao Hotel Trévise, endereça a primeira carta ao filósofo;

– a 7 de outubro de 1935, escreve no seu *Diário* algumas considerações sobre a importância desta visita, atestando a influência de Henri Bergson na sua formação filosófica; recebe ainda a resposta telefónica de Bergson, novamente através da esposa, convidando-o para o ir visitar no dia seguinte;

– a 8 de outubro de 1935, passa algum tempo em conversa com Bergson, na residência do filósofo;

– no dia 9 de outubro de 1935, anota no seu *Diário* um breve relato das impressões que lhe ficaram do encontro com Bergson;

– a 6 de novembro do mesmo ano, já a partir de Viena, envia a Bergson a sua segunda carta, acompanhando um exemplar da obra de Leonardo Coimbra, *A filosofia de Henri Bergson*, e fazendo um balanço do encontro de outubro.

“A grande hora e meia da minha vida”

Na primeira carta que dirige a Bergson, Delfim Santos confessa ser impossível estar em Paris sem procurar o filósofo e tentar informar-se sobre o seu estado físico. A força desta afirmação é por si só reveladora no que respeita à grande consideração que Delfim Santos votava ao pensador de *L'évolution créatrice*. No seu *Diário*, haveria de escrever que, para um homem da sua formação, Paris era a terra onde nascera e onde ainda vivia Bergson.

Assim, após ter descoberto na livraria Alcan onde morava Bergson, Delfim Santos dirigiu-se ao nº 47 do Boulevard du Beauséjour com um espírito ansioso e repleto de emoção, na esperança de ver e conversar com o filósofo. No relato epistolar que depois envia a José Marinho, a 8 de outubro de 1935, Delfim Santos começa por dar conta da comoção que a contemplação da residência de Bergson fez despertar no seu espírito.

Descreve a casa com grande poder literário, reforçando os portais envidraçados e *uma bela porta de linhas retas*. E continua: “Em frente, e só separado por uma linha eléctrica de comboios, está o majestoso *Bois de Boulogne* com uma vida vegetal forte, rica, parecendo querer negar o seu torpor e afirmar agressivamente uma forma superior de élan vital”.¹³

Esta descrição da casa de Bergson revela, só por si, a sintonia entre ambos os pensadores. Não nos referimos apenas à utilização sintática da palavra “élan”, noção maior da filosofia de Bergson, mas ao que verdadeiramente subjaz à narração de Delfim Santos: uma compreensão e um domínio claros da distinção entre as noções de *vida vegetativa*, *vida instintiva* e *vida racional*, que nos parecem apontar claramente para os conceitos bergsonianos de “torpor”, “instinto” e “inteligência”.¹⁴

Aliás, a familiaridade delfiniana com o pensamento de Bergson é confessada pelo próprio: na entrada do dia 7 de outubro do *Diário Íntimo*, Delfim Santos afirma que ouvira falar em Bergson pela primeira vez em 1927, nas aulas de Leonardo Coimbra na Faculdade de Letras do Porto, e que a motivação aí colhida o levou, mais tarde, a estudar diretamente as obras de Bergson, numa transição para o estudo *do mestre do seu mestre*.

Assim se explica o enquadramento da primeira carta de Delfim Santos a Henri Bergson, que agora nos ocupa, em que aquele confessa que a curiosidade filosófica que animava a sua geração os levava a seguir tudo aquilo que era publicado a propósito do filósofo francês admirado. E informa Bergson da popularidade que a sua personalidade e ideias gozavam em Portugal. Abertamente, fala-lhe da filiação bergsoniana da obra de Leonardo Coimbra, do intenso estudo que o mesmo havia elaborado sobre a sua filosofia e de como o magistério leonardino orientava toda uma geração de pensadores para as principais inquietações filosóficas do projeto de Bergson: “la méthode la plus profonde et plus sûre pour la connaissance de la vie et de nous-mêmes.”

A força que Delfim Santos imprimiu às palavras desta primeira missiva epistolar haveria de lhe permitir desfrutar *da grande hora e meia da*

¹³ Santos, 1998: 91.

¹⁴ Bergson, 2007: 114.

*sua vida*¹⁵ já que o filósofo francês lhe respondeu convidando-o a regressar à sua residência, desta feita para a desejada conversa. É possível que Bergson tenha antevisto no entusiasmo de Delfim Santos a oportunidade de transformar o visitante num mensageiro que, mais do que levar a sua palavra para destinos distantes, contribuísse para dissipar algumas leituras menos adequadas da sua filosofia que se iam propagando¹⁶. O próprio Delfim Santos reconhece a singularidade do acontecimento, uma vez que, devido ao seu estado de saúde, em 1935 Bergson já não recebia visitas de índole social.

Não estaremos a exagerar se atribuirmos feições quase místicas ao estado de espírito de Delfim Santos no momento em que se dirige para o encontro, como se estivesse face a uma revelação originária. A carta a José Marinho datada de 8 de outubro de 1935 e outra a Álvaro Ribeiro, escrita oito dias depois, dão conta de toda a ambiência, bem como das temáticas enunciadas e do rumo que a conversa assumiu¹⁷.

O estado de saúde do filósofo francês impressionou duplamente Delfim Santos: por um lado, pelo contraste entre o vigor do espírito e a degradação do corpo e, por outro, pela forma como Bergson contornava as contingências físicas e se entregava à conversa com toda a simpatia e elevação¹⁸.

Na segunda carta que, cerca de um mês mais tarde, Delfim Santos dirige ao filósofo francês, confessa que vê-lo e ouvi-lo permitiram a revelação da unidade profunda da sua obra, e que a simples contemplação da imagem do filósofo se aproximou de uma intuição radical do seu pensamento. E, endereçando votos de melhoria do estado de saúde de Bergson, Delfim Santos termina com uma frase cujo sujeito gramatical

¹⁵ Santos, 1998: 99.

¹⁶ Em 1938, num artigo sobre o encontro publicado num número da revista mexicana *Luminar* dedicado a Bergson, Delfim Santos revela uma certa inquietação que o pensador lhe havia confiado diante de equívocos difundidos na época sobre alguns dos conceitos fundamentais da sua filosofia, em especial sobre o conceito de intuição, Santos, 1971: 201.

¹⁷ Santos, 1998: 91, 99.

¹⁸ Na entrada do dia 9 de outubro de 1935, Delfim Santos traduz no seu *Diário Íntimo* a angústia que experienciara diante da condição física debilitada de Bergson, afirmando ter *sentido o frio do “élan mortal”*.

plural nos parece reforçar a assumida embaixada de toda uma geração de pensadores: “Nous avons encore grandement besoin de vous, cher Maître”.

O entusiasmo de Delfim Santos fazia-o declarar na segunda carta que as suas futuras empresas filosóficas se aproximariam da obra bergsoniana, chegando mesmo a confessar ao pensador de *L'évolution créatrice* encontrar-se a preparar um pequeno ensaio sobre a sua filosofia, contando utilizar para o efeito os próprios relatos que aquele lhe havia feito na primeira pessoa. Este trabalho nunca chegou a ver a luz do dia¹⁹, ainda que as referências a Bergson não tenham deixado de ser uma constante ao longo do percurso filosófico de Delfim Santos. Permaneceu, então, fiel às palavras redigidas na sua segunda carta: “l'émotion profonde sentie auprès de vous est encore vivante et le sera toujours.”

Longe da vista...

Um dos aspetos que nos parece tornar característico o itinerário intelectual de Delfim Santos prende-se com a forma como o percurso geográfico cumprido pelo indivíduo contribuiu largamente para o delinear das escolhas do filósofo. Quando passou por Paris, em 1935, Delfim Santos dirigia-se para Viena, ao abrigo de uma bolsa do Estado português com a finalidade de estudar o movimento neopositivista vienense. Na primeira carta a Bergson, confessa ter inicialmente considerado desinteressante a tarefa a que a bolsa se destinava. A caminho da Áustria, o pensador português transportava apenas a certeza de que, com a investigação que estava prestes a iniciar, iria ao menos cumprir um trabalho de cariz filosófico. E, desta feita, à saída das fronteiras portuguesas, mantinha explícitas as orientações filosóficas com que se havia formado na universidade portuguesa, mormente pelas mãos leonardinas.

¹⁹ Contactos que mantivemos com a Dr.^a Manuela Pinto dos Santos confirmaram-nos não haver notícia, entre o espólio ainda inédito do filósofo, de qualquer registo deste estudo. Pela afirmação que Delfim Santos faz a Bergson na sua segunda carta, não temos dúvida de que o projeto tenha sido iniciado. Provavelmente terá ficado inacabado ou então, com o decorrer dos anos, o seu autor considerou injustificada a publicação do mesmo, tendo-se perdido o rasto do manuscrito.

Contudo, pela análise do evoluir da correspondência delfiniana, parece-nos inegável o desvanecimento de grande parte da predisposição especulativa que encontramos nessas linhas epistolares do final de 1935. Logo nos primeiros meses após a chegada ao novo país, Delfim Santos sentiu a angústia da súbita ausência de referências culturais e filosóficas. O pensador hesitava entre a influência da filosofia francesa – sobejamente conhecida e comentada pela cultura portuguesa responsável pela sua formação académica, mas pouco relevante no meio em que agora se encontrava –, e a filosofia alemã, em que as dificuldades da língua representavam um difícil obstáculo. Porém, paulatinamente, Delfim Santos cede ao valor da mundividência que agora o acolhia e aceita o pensamento alemão, aprofundando as suas estruturas e descobrindo novas formas de pensar. Como resultado, distanciou-se cada vez mais das perspectivas que continuavam a ser desenvolvidas em Portugal, entre elas... a da filosofia bergsoniana.

Neste contexto, parece-nos relevante que um segundo encontro com Bergson, projetado por Delfim Santos em 1936²⁰, nunca se tenha concretizado, mesmo tendo havido ocasião para que tal acontecesse. Numa carta de 22 de agosto de 1937, escrita a José Marinho a propósito do Congresso Descartes a que Delfim Santos havia assistido em Paris, o pensador afirma que um grande cansaço físico e emocional o havia feito sair da capital francesa mais cedo do que tinha inicialmente previsto e que, por essa razão, não tinha visitado *ainda* Bergson²¹.

Se contrastarmos o entusiasmo do encontro de 1935 com estes relatos escritos apenas dois anos mais tarde, torna-se claro que Delfim Santos já não mantinha o mesmo interesse pelo legado do filósofo francês. Conhecendo na primeira pessoa o débil estado de saúde de Bergson, aspeto que, como sabemos, o havia impressionado quando se encontraram em 1935, não estaria claro para Delfim Santos que, se não procurasse Bergson nesta outra passagem por Paris, seria difícil que o conseguisse ver de futuro?

As novas orientações especulativas de Delfim Santos colhidas em Viena aproximaram-no de outras correntes e nomes da filosofia da época,

²⁰ Santos, 1998: 100-101.

²¹ *Ibidem*: 140.

permitindo desvanecer a vontade de reencontrar Bergson. Neste momento do seu percurso biográfico, consideramos que Delfim Santos já não representa o retrato generalizado da cultura portuguesa, como acontecera em 1935, antes se desvincula do que era especulativamente produzido no seu País natal.

Naturalmente, o autor aproximara-se dos conteúdos e do modo de trabalhar do pensamento germânico, procurando contagiar com o seu entusiasmo os discípulos que persistiam na fidelidade aos cânones franceses. Já em abril de 1936, afirmava:

“(Aqui [Viena] ninguém compreende que estejamos tão ligados à França). É a filosofia francesa em confronto com a inglesa... Não; temos de fazer uma torsão para a Inglaterra ou para a Alemanha. A filosofia francesa é pobre, tem apenas uma linha de evolução. Os grandes problemas estão lá tão diminuídos... Aqui vim encontrar regiões da filosofia que nunca tiveram expressão em França... *Geistwissenschaft*, *Geistphilosophie*, *Naturphilosophie*, etc., por exemplo, na qual nós nos poderíamos bem mover. Bergson, como sabe, não é propriamente um filósofo francês. E é Sérgio quem tem razão quando o critica em nome do *idealismo francês*. E nós não estamos com Sérgio, porque não estamos com a França.”²²

Não consideramos que a inversão projetada por Delfim Santos para a filosofia portuguesa tenha, de facto, tido lugar. A sua adesão ao germanismo, ainda que tenha sido responsável por um notável percurso especulativo e académico próprio, não foi seguida pela cultura portuguesa, que durante largos anos manteve as relações filiais com a cultura filosófica francófona.

Porém, é curioso como o excerto citado nos permite perceber que, mesmo tendo cortado o cordão umbilical com a cultura francesa, Delfim Santos manteve a sua relação com Bergson à parte dessa emancipação. E, seguro daquilo que se adequava e interessava ao seu modo próprio de pensar, considerava-se longe de alimentar um adultério filosófico ao insistir

²² *Ibidem*: 115.

em manter o compromisso com ambas as partes: o pensamento germânico e o que Bergson representava. Delfim Santos resolve, então, a questão desvinculando este último do pensamento francês e anuncia o caráter constante de uma admiração por Bergson que haveria de o acompanhar ao longo de toda a vida²³.

Após os anos de formação e estudo fora das fronteiras portuguesas, e já regressado definitivamente ao nosso país, a partir da década de 50 as referências a Bergson surgem em grande parte a propósito da filosofia de Leonardo Coimbra e com o intuito fundamental de acentuar o *antibergsonismo*²⁴ do antigo Mestre português. Esta época coincide com a consolidação plena da desvalorização delfiniana do pensamento francês, e, nesse contexto, a filosofia de Bergson surge já no horizonte de uma atitude totalmente distinta, tornando-se alvo de alguma abordagem crítica.

No entanto, ainda que no âmbito do percurso biográfico e filosófico de Delfim Santos, a importância do pensamento de Henri Bergson não tenha permanecido uma constante, é incontornável o papel geracional que o próprio Delfim desempenhou junto da filosofia bergsoniana, falando em nome de uma geração. Como balanço da aproximação entre os dois pensadores, de que as cartas trazidas agora a lume dão conta, o encontro físico entre ambos ter-se-á perpetuado em importantes ecos, sobretudo a dois níveis: no espírito de Delfim Santos permaneceu a forma de uma admiração séria por um pensador que havia sido fulcral na história da filosofia contemporânea, bem como o reconhecimento da grande dívida que uma determinada época da filosofia portuguesa manifestava em relação ao seu projeto; na cultura portuguesa da primeira metade do século XX, ficou uma declarada manifestação da militante simpatia para com o ideário bergsoniano e da consagração dos esforços de toda uma geração em prol desta nova filosofia.

²³ De acordo com o testemunho da Dr.^a Manuela Pinto dos Santos, Delfim Santos guardou até ao final da vida algumas estampas que adquirira em Paris, provavelmente em 1935 na visita à livraria Alcan: uma fotografia de Bergson, uma reprodução de uma página manuscrita de *Les deux sources de la morale et de la religion* e uma fotografia de uma medalha que a Monnaie de Paris, Casa da Moeda francesa, havia consagrado a Bergson. Este facto parece-nos espelhar uma consideração e um respeito filosóficos constantes pela figura do filósofo francês.

²⁴ Santos, 1973: 291.

Referências Bibliográficas

- AAVV, *Delfim Santos Studies – Revista de Estudos Delfinianos*, 1 (2013) 1.
- Bergson, Henri (2007), *L'évolution créatrice*, Paris, Presses Universitaires de France.
- Brandão da Luz, José Luís (2013), Delfim Santos e a verdade como desafio e limite do conhecimento, *Delfim Santos Studies*, 1 (2013) 1, pp. 117-131.
- Costa Carvalho, Magda (2007), Delfim Santos e Henri Bergson: proximidade e divergências, *Philosophica*, 30 (2007), pp. 245-275.
- _____ (2015), *Uma filosofia para as alforrecas: Sérgio crítico de Bergson, Proença, Cortesão, Sérgio e o Grupo Seara Nova*, orgs. Amon Pinho, António Pedro Mesquita, Romana Valente, Lisboa, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, pp. 337-352.
- Gomes, Pinharanda (1986), Bergson e a filosofia portuguesa, *Formas de pensamento filosófico em Portugal (1850-1950)*, Lisboa, Instituto Amaro da Costa, pp. 293-306.
- Marinho, José (1994), *Aforismos sobre o que mais importa*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Marques, Maria de Lourdes S. M. (2007), *O pensamento filosófico de Delfim Santos*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Paszkievicz, Cristiana Abranches de Soveral (2000), *A Filosofia Pedagógica de Delfim Santos*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Pimentel, Manuel Cândido (2003), *A ontologia integral de Leonardo Coimbra: Ensaio sobre a intuição do ser e a visão enigmática*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Ribeiro, Álvaro (1956), Bergson au Portugal, *Les études bergsoniennes*, volume IV, Paris, Éditions Albin Michel, pp. 227-229.
- _____ (1965), Bergson filólogo, *Escritores doutrinados*, Lisboa, Sociedade de Expansão Cultural, pp. 29-111.
- Santos, Delfim (1971), *Obras Completas*, v. I, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian (1ª. ed.).
- _____ (1973), *Obras Completas*, v. II, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian (1ª. ed.).
- _____ (1998), *Obras Completas*, v. IV, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian (1ª. ed.).
- Sirgado Ganho, Maria de Lurdes (1990), *O pensamento de Delfim Santos*, Separata de *Itinerarium*, Braga.
- _____ (2002), *O essencial sobre Delfim Santos*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

Anexo 1: Transcrição das Cartas de Delfim Santos a Henri Bergson**1ª CARTA**

Paris – 6-X-35
Hotel Trévisé
R. Trevisé, 10
Tel. Provence 2471

Mon cher Maître:

J'ai été cet après midi chez vous ce dont je vous demande votre pardon. Je sais bien qu'on n'a point le droit d'importuner quelqu'un qui ne nous connaît pas; mais je vous avoue qu'il m'était impossible de passer à Paris sans vous voir et sans me renseigner au sujet de votre santé.

Au Portugal nous nous intéressons beaucoup pour vous, mon cher Maître. Il y a quelques professeurs qui connaissent bien tous vos livres et travaillent comme vos disciples. Mon ancien professeur de philosophie à l'Université, Mr. Leonardo Coimbra, le plus profond penseur portugais d'aujourd'hui, a même publié, il y a quelques mois, un livre sur vous: «Henri Bergson». Toute son œuvre est remplie de vous et tous ses élèves apprennent bientôt à vous admirer. Votre livre «Les deux sources de la Morale et de la Religion» a eu sur lui et sur nous tous un retentissement profond et ineffaçable. Nous avons même écrit en polémique contre des adversaires de votre pensée de formation Benda et Brunschwig.

Voilà, mon cher Maître, pourquoi je vous ai demandé cet après-midi: je voulais voir l'homme qui est pour nous le plus profond penseur de notre temps. Nous sommes très curieux de vous, nous lisons tout ce qui est écrit sur vous et nous suivons l'œuvre de Mr. Chevalier et de Mr. E. Le Roy, votre admirable exégète. Mais nous avons besoin de quelque chose encore: vous voir et vous entendre.

Je suis professeur de philosophie au Lycée de Gil Vicente (Lisbonne) et je pars mercredi prochain pour Vienne où je vais étudier, pendant quelque temps, la métaphysique allemande contemporaine, surtout Husserl, Scheller et Heidegger. Je prépare ma thèse de doctorat et j'ai été choisi par le gouvernement portugais pour étudier aussi l'École de Vienne. Je pense bien que le néo-positivisme

viénnois ne m'apportera rien d'intéressant, mais je vais essayer de bien étudier ses tendances et cela est déjà, comme vous le dites faire de la philosophie.

Je regrette infiniment de ne pouvoir vous voir à cause de votre maladie, néanmoins je suis content pour avoir été si près de vous, sous votre toit et de voir la personne qui a permis, en vous accompagnant, la réalisation de votre œuvre géniale.

Toutefois je ne perds pas l'espoir de vous voir et de vous dire au nom de tous mes camarades et au mien combien nous sommes reconnaissants à l'homme qui nous a donné la méthode la plus profonde et plus sûre pour la connaissance de la vie et de nous-mêmes.

Croyez, Monsieur, à l'admiration la plus profonde et vécue de votre disciple
Delfim Santos

P.S. Veuillez m'excuser; je vous prie, de mon français d'étranger.

2^a CARTA

IX. Grüne-Torgesse 18 – I/4

Wien, 6.XI.35

Mon cher Maître:

Avant tout je dois vous dire que l'émotion profonde sentie auprès de vous est encore vivante et le sera toujours. Il est impossible de vous dire, par des mots, combien ces instants passés avec vous signifient pour moi.

Je vous connaissais par vos livres et par les livres de tous ceux qui ont parlé de vous, mais aujourd'hui je sens que je vous connais mieux. J'ai senti votre pleine vigueur de pensée, votre exposition pleine d'élégance dont tout le monde parle et surtout j'ai senti la sympathique attraction de votre personne. Je crois que ces moments ont été pour moi la révélation de l'unité profonde de votre œuvre. Maintenant je me sens différent devant vos livres, peut-être parce que je puis me situer plus près de votre pensée, peut-être parce que votre image m'aide à chercher l'intuition radicale de vos travaux. Mais je crains qu'en vous disant ceci, je ne fais que répéter vos propres paroles.

Ensuite j'ai relu le beau livre de M. Chevalier ayant besoin de continuer près de vous et de sentir un peu de votre intimité. J'ai écrit au Portugal une lettre sur notre conversation. Elle a fait du succès parmi quelque professeurs-philosophes et ils m'ont demandé sa publication. Mais j'ai même commencé un petit essai sur votre philosophie et là je pense donner vos profondes paroles. Je crois que vous me le permettez.

J'ai reçu du Portugal le livre que je vous ai promis et je vous l'envoie par simple curiosité. Il a été écrit avec la plus grande sympathie et enthousiasme par votre personne et votre œuvre. L'est l'hommage pleine de reconnaissance d'un penseur qui vous a suivi pendant tout sa vie et que dès 1912 laisse voir dans ces écrits la profonde influence de votre pensée. Le second volume n'a pas encore été publié.

Je ne dois vous fatiguer. Je vous remercie beaucoup pour votre généreuse amabilité de m'avoir reçu et pour vos paroles que je sais bien qui ne sont point perdues.

Tous mes respects à Madame Bergson. Je forme mes vœux les meilleurs pour votre santé, espérant de tout cœur que l'hiver ne vous éprouvera pas trop. Nous avons encore grandement besoin de vous, cher Maître.

Croyez à l'admiration profonde de votre disciple dévoué

Delfim Santos

Anexo 2: Fac-símile das Cartas de Delfim Santos a Henri Bergson

Paris - 6-X-35
Hotel Trévise
R. Trévise, 10
Tel. Provence 2471

I

① Mon cher Maître:

J'ai été cet après midi chez vous
ce dont je vous demande votre pardon. Je
sais bien qu'on n'a point le droit d'impor-
tuner quelqu'un qui ne nous connaît
pas; mais je vous avoue qu'il m'était im-
possible de passer à Paris sans vous
voir et pour me renseigner au sujet de
votre santé.

Au Portugal nous nous intéressons
beaucoup pour vous, mon cher Maître. Il
y a quelques professeurs qui connaissent

BCN 82093 (2) 1/3

bien tous vos livres et travaillent comme
vos disciples. Mon ancien professeur de
philosophie à l'Université, Mr. Leonardo
Lealimbra, le plus profond penseur portu-
gais d'aujourd'hui, a même publié, il y
a quelques mois, un livre sur vous : "Henri
Bergson". Toute son œuvre est remplie de
vous et tous ses élèves apprennent bientôt
à vous admirer. Votre livre "Les deux
sources de la Morale et de la Religion" a
eu sur lui et sur nous tous un retentis-
sément profond et ineffaçable. Nous avons
même écrit en polémique contre des adver-
saires de votre pensée de formation Bergson

et Brunswick.

II

Voilà, mon cher Maître, pourquoi je vous ai demandé cet après-midi : je voulais voir l'homme qui est pour nous le plus profond penseur de notre temps. Vous sommes très curieux de vous, nous li-
① sous tout ce qui est écrit sur vous et nous suivons l'œuvre de Mr. Chevalier et de Mr. F. de Roy, votre admirable exégète. Mais nous avons besoin de quelque chose encore : vous voir et vous entendre.

Je suis professeur de philosophie au lycée de Sil Vicente (Lisbonne) et je pars mercredi prochain pour Vienne en

BGN 2003 (2) 2/3

Je vais étudier, pendant quelque temps, la métaphysique ^{allemande} contemporaine, surtout Husserl, Scheller et Heidegger. Je prépare ma thèse de doctorat et j'ai été choisi par le gouvernement portugais pour étudier aussi à l'École de Vienne. Je pense bien que le néo-positivisme viennois ne m'apportera rien d'intéressant, mais je vais essayer de bien étudier ses tendances et cela est déjà, comme vous le dites, faire de la philosophie.

Je regrette infiniment de ne pouvoir vous voir à cause de votre maladie, néanmoins je suis content pour avoir

III

été si près de vous, sous votre toit et de voir la personne qui a permis, en vous accompagnant, la réalisation de votre œuvre géniale.

Ⓧ Toutefois je ne perds pas l'espoir de vous voir et de vous remercier au nom de tous mes camarades et au mien combien nous sommes reconnaissants à l'homme qui vous a donné la méthode la plus profonde et plus sûre pour la connaissance de la vie et de nous mêmes.

Croyez, Monsieur, à l'admiration la plus profonde et vécue de votre disciple

Santos Delfim Santos

BN 22093(2)9/3

P. 5. Veuillez m'excuser, je vous prie,
de mon français d'étranger.

1x. Guine-Torgesse 18 - I/4

Wien, 6. XI. 35

① Mon cher Maître :

Avant tout je dois vous dire que l'émotion profonde sentie auprès de vous est encore vivante et le sera toujours. Il est impossible de vous dire, par des mots, combien ces instants passés avec vous signifient pour moi.

Je vous connaissais par vos livres et par les livres de tous ceux qui ont parlé de vous, mais aujourd'hui je sens que je vous connais mieux. J'ai senti votre pleine vigueur de pensée, votre exposition pleine d'élé-

gence dont tout le monde parle et surtout
l'ai senti la sympathique élection de votre
personne. Je crois que ces moments ont
été pour moi la révélation de l'unité pro-
fonde de votre œuvre. Inciutement je me
sens différent devant vos livres, peut-être
parce que je puis me situer plus près
de votre pensée, peut-être parce que votre
image m'aide à chercher l'intuition ra-
dicale de vos travaux. Mais je crains qu'en
vous disant ceci, je ne fais que répéter
vos propres paroles.

Ensuite j'ai relu le beau livre
de M. Chevalier ayant besoin de continuer

près de vous e de sentir un peu de votre
intimité. J'ai écrit au Portugal une
lettre sur votre conversation. Elle a fait
du succès parmi quelque professeurs-philosophes
et ils m'ont demandé sa publication.

Mais j'ai même commencé un petit essai
sur votre philosophie et là je pense donner
des profondes paroles. Je crois que vous
me le permettez.

J'ai reçu du Portugal le
livre que je vous en promis et je vous
l'envoie par simple curiosité. Il a été
écrit avec la plus grande sympathie et en-
thousiasme par votre personne et votre oeuvre.
C'est l'hommage pleine de reconnaissance

d'un penseur qui vous a suivi pendant
toute sa vie et que dès 1912 laisse voir
dans ces écrits la profonde influence de
votre pensée. Le second volume n'a pas
encore été publié.

Je ne dois vous fatiguer. Je
vous remercie beaucoup pour votre généreuse
amabilité de m'avoir reçu et pour vos paroles
que je sais bien qui ne sont point perdues.

Tous mes respects à Madame Bergson.
Je forme mes vœux les meilleurs pour votre
santé, espérant de tout cœur que l'hiver
ne vous éprouvera pas trop. Nous avons encore
grandement besoin de vous, cher Maître.
Ayez à l'admiration profonde de votre disciple
desoûd Nelson Santos (?) *Nelson Santos*